



MEMÓRIA E IDENTIDADES:

ENTRE AS REPRESENTAÇÕES DE UMA CIDADE (AMARGOSA, 1930 – 1950)

Jaqueline Argolo Rebouças¹

Mestranda – PPGHIS / UNEB – CAMPUS V

Bolsista CAPES

jquel@hotmail.com.

RESUMO

Essa pesquisa visa problematizar as interconexões entre história e memória no município de Amargosa – BA, localizado na região Recôncavo Sul Baiano, entre os anos de 1930 e 1950, no sentido de procurar compreender as identidades que representam a cidade. Se até 1930 o café era uma das imagens que representava o local (quando Amargosa era conhecida como a “Pequena São Paulo”), nos anos seguintes essa correspondência já não poderia existir, pois a realidade já era outra: declínio da produção e do comércio do café. O Município passou por diversas transformações urbanísticas, no período, e como marco principal destas intervenções estava à construção do Jardim Lourival Monte, situado na principal praça do município, no início da década de 30, que conferiu a cidade uma nova identidade: “Cidade Jardim”. Nesta perspectiva, tenta-se compreender como foram construídas as novas identidades para (e na) cidade, bem como problematizar aspectos relacionados a alguns segmentos da população que além de idealizar identidades para o seu “lugar”, desejavam, possivelmente, a partir de suas representações, revitalizar sócio, econômica e culturalmente, o município, de forma a justificar e retratar sua marca na região. Assim, utilizando como metodologia a história oral, através da análise de entrevistas, como também, pesquisa documental e imagens sobre a cidade, serão problematizados os principais aspectos do período, para assim tentar entender como a estrutura sociocultural desdobra sobre determinada “localidade”, permitindo assim a construção das representações. O referencial teórico adotado centra-se na tentativa de compreender as relações de força que determinam os lugares sociais e instituem suas representações a partir das práticas cotidianas e da memória, considerando os seguintes teóricos: Jacques Revel, Pierre Nora, Jacques Le Goff, Michel de Certeau, Michel Foucault, Stuart Hall e Roger Chartier.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Identidade. Representações. Cidade

¹ Este artigo faz parte da pesquisa em desenvolvimento do Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local – PPGHIS da Universidade do Estado da Bahia – CAMPUS V.



1 INTRODUÇÃO

O propósito desta Comunicação está em levantar um questionamento inicial sobre como e por que são construídas as identidades “Pequena São Paulo” e “Cidade Jardim” no município de Amargosa, localizado no Recôncavo Sul Baiano, no período de 1930 a 1950.

Até a década de 1930, o município de Amargosa, beneficiado pelo comércio do café, obtinha uma posição de destaque na região (ficando conhecido como a “Pequena São Paulo”). Essa década marcou um período de transformações urbanísticas, a partir de grandes obras, como construção do Jardim Público (1934), da Igreja Matriz (1934) e do Cristo Redentor².

No entanto, a Crise de 1929 teve grande repercussão para economia cafeeira no Brasil e seus efeitos fizeram-se sentir em todo o país. Assim, Amargosa aos longos dos próximos anos sofreu uma crise financeira, embora ainda exercesse grande influência regional.

Neste contexto histórico, ocorre à desintegração da representação simbólica que identificava a cidade na época, abrindo-se a perspectiva para criação de uma nova identidade: “Amargosa, Cidade Jardim”.

As mudanças ocorridas durante o tempo resultaram no surgimento de outras formas de organização sócio-espacial, motivando a exploração de outras possibilidades que poderiam ser realizadas. Assim, os problemas históricos poderiam ser equacionados sintonizando passado, presente e futuro.

A cidade, nesta perspectiva, não abriga um tempo linear e sincrônico, mas uma trama de cronologias descompassadas, mas que se correlacionam das mais diferentes formas, ocasionando as mudanças sob um caráter constante³.

O trabalho a partir do estudo da documentação, da memória e da imagem são processos que superpõem e constroem informações relevantes pela rememoração ou análise de quem vê, fala ou escreve.

A leitura de fontes escritas (jornais, decretos, atas, leis, entre outras), associada aos recursos da memória, nos leva a entender as representações que mais tarde acabariam por influenciar no pensamento local e na modificação da paisagem urbana.

Lugares, imagens e sons trazem representações fragmentadas da Cidade, fornecendo suporte à multiplicidade de memórias que acabam por delinear cenários em constante movimento e que estão presentes em cada pedra da cidade em permanente interação e transformação.

² NETO, Raul Lomanto. A “Região de Amargosa”: olhares contemporâneos. In: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. **Recôncavo da Bahia**. Amargosa: Ed CIAN, 2007, p. 156-7.

³ LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 139-145.



2 CIDADE E COTIDIANO: ENTRE MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES

A cidade é muito mais que uma paisagem estática. Ela é tudo aquilo que pode ser percebido e interpretado. Nesta perspectiva, “estudá-la implica a ideia de vivê-la”⁴. O que sobrevive nas cidades não é somente o que existiu no passado, mas cada uma das ações que a desenvolveram.

As marcas que as pessoas deixam cotidianamente no seu cenário urbano são relevantes. Demonstrem de que forma, em seu dia-a-dia, construíram e estabeleceram seu modo de vida na cidade. Apresentando-a, assim, como um espaço plural marcado pelas mais diversificadas atuações. Os relatos, percursos e práticas cotidianas são formas de organização do espaço e pertencem mais as práticas representativas do espaço que ao espaço físico propriamente dito⁵. Uma cidade “ressignificada” nas memórias e nas ações cotidianas, que não pode ser confundida como um espaço harmonioso.

Pensando a cidade como um território onde o domínio do poder político, econômico ou sociocultural se articulam, a possibilidade de uma apropriação simbólica pela sociedade, está, de certa forma, identificada na conceituação de cidade no sentido de produção social do espaço. Dessa forma, a cidade é (re)produzida pela ação conflitiva ou articulada dos agentes sociais os quais combinam interesses próprios, extralocais da ordem distante e da ordem próxima.

Sendo tais espaços construções meramente humanas e sociais que envolvem relações sociais e de poder, assim, eles estão sujeitos a determinações e modificações dos homens. Estas podem ser decorrentes tanto de fatores econômicos, políticos ou socioculturais estabelecendo seu domínio sobre todo e qualquer ambiente, o que pode ser também uma apropriação simbólica de referência ou identidade.

Com o estudo das identidades os pesquisadores passaram a estudar o universo mental dos seres humanos em sociedade, os seus modos de sentir. Segundo Gilbert Durand, o conceito de identidade não é apenas uma extensão do objeto, mas uma representação que permite “compreensão”, ou seja, o conjunto das “qualidades” e “atributos” que o significam⁶.

A valorização do passado das cidades, no Brasil, é um fenômeno recente e com as contribuições da perspectiva da História Cultural, são resgatados os discursos, imagens e

⁴ SANTOS, Antonio Carlos de Almeida. Curitiba: depoimentos da transformação urbana. In: SOLLER, Maria Angélica & MATOS, Maria Izilda S. (Orgs.). **A cidade em debate**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2000, p.213.

⁵ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003, p. 176-203.

⁶ DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio a cerca das ciências sociais e da filosofia da imagem. Trad. Renée Eve Levié. 2 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001, p. 81.



práticas sociais de representação, através dos quais indivíduos e grupos atribuem sentidos ao seu mundo⁷. Para Roger Chartier, “As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio”⁸.

Neste contexto, o discurso memorialista está sempre em atualização, como forma de representação de cada realidade histórica e da sua intencionalidade, abstraindo ou incorporando fatos ao processo histórico, fornecendo uma espécie de verdade incontestável. No entanto, para Marina Maluf, “o que existe são perspectivas da realidade, e nenhuma delas esgota completa e definitivamente quer a análise, quer a descrição”⁹.

Para Raphael Samuel¹⁰,

a memória, longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenamento, um banco de imagens do passado, é, isso sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo.

O conhecimento é plural e dinamizado a partir da interferência das subjetividades e das representações. E a história oral se apresenta, neste contexto, “[...] numa perspectiva emancipadora de recuperação de sua própria história reprimida e, portanto, de redescoberta de identidade – e levando os historiadores a se interrogarem sobre sua maneira de relacionar-se e comunicar-se com aqueles cuja história estão escrevendo”¹¹.

Sabe-se que a memória é individual e social, pois quem lembra é o indivíduo. No entanto, essa memória individual não está inteiramente fechada e isolada: “um homem para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”¹². Tais reflexões são analisadas por Pierre Nora, pois são extremamente eficazes para a análise destas memórias individuais ou coletivas e que são “encarnadas”, sentidas pelo “orador”, quando afirma que:

⁷ ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. São Paulo: EDUSC, 2006, p. 218.

⁸ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990, p. 17.

⁹ MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 28.

¹⁰ SAMUEL, Raphael. 1990, p.44.

¹¹ FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da História Oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 11.

¹² O autor Halbwachs analisa as relações entre memória individual e social. Na perspectiva de que as impressões forjadas ao longo do tempo no espaço se sucedem, mas não permanecem em nosso espírito, não sendo possível recuperar o passado, se ele não se conservasse no meio material que nos cerca. HALBWACHS, M. “A invenção das tradições” In: HOBBSAWN, E. e RANGER, E, (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.



a curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular de nossa história. Momento da articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória porque não há mais meios de memória¹³.

Os fragmentos de lembranças, assim, vão fornecendo matéria-prima para a ação da memória. Ao mesmo tempo em que os acontecimentos vão sendo relembrados, vêm os personagens, as cenas e o cenário, aparecendo na sucessão-sobreposição de tempos e espaços. Para Phillippe Joutard,

[...] o oral nos revela o ‘indiscutível’ [...]. É através do oral que se pode apreender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor de malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor e criador da história quanto o universo racional¹⁴.

No entanto, ele salienta a necessidade de reconhecimento dos limites da história oral; embora os esquecimentos, omissões, deformações, entre outros, sejam úteis para a análise do historiador.

3 A CIDADE E SUAS IDENTIDADES

A República trouxe consigo novos conceitos históricos, sobretudo, pelo lucrativo comércio cafeeicultor, levando a sociedade a um novo compasso social.

A urbanização, principalmente a partir da década de 1930, pela qual passou a cidade de Amargosa demonstra o papel da elite na organização da vida cotidiana e no uso dos espaços, numa tentativa de conectar a antiga “Pequena São Paulo” aos ritmos do Mundo Moderno. Procurando se adequar a outros padrões é perceptível como a própria produção espacial pela sociedade buscou otimizar a reprodução das relações sociais influenciadas pela estrutura social. Isso não implica, porém, que a urbanização se deu restritamente pela incorporação do conteúdo ideológico, mas este apenas redimensionou as práticas sociais quanto ao uso do espaço, pela tentativa de modernização deste.

¹³ NORA, Pierre apud LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.7.

¹⁴ JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XIX. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 33-4.



Desde o século passado, os poderes públicos intervêm na fisionomia da cidade de Amargosa. Mas o que é recorrente é que o discurso memorialista vincula o início desse processo, principalmente, ao Prefeito Lourival Monte, quando no momento da construção do Jardim, mais tarde, nominado pela Câmara Municipal como homenagem ao gestor/idealizador. Dessa forma, seria comum observar o fato de que a “nova” identidade desta cidade está relacionada a estas intervenções urbanísticas implementadas pelos administradores públicos locais e, possivelmente, pela intenção das camadas “elitizadas”, impulsionados pela visão de transformação urbana a partir de modelos pré-estabelecidos, que intencionavam reconhecer-se como anunciadores de um novo tempo:

Em seu conjunto, essas representações urbanas constituíam um índice de elementos que integravam o imaginário das elites brasileiras no final do século XIX [...]. Mirando-se nos exemplos das cidades européias, tais imagens vinculavam a um ambiente promotor do desenvolvimento material ininterrupto e de mudanças profundas na vida social e cultural¹⁵.

Tais intervenções refletem, possivelmente, a vontade política de reprodução de símbolos para manutenção do poder local. Dessa forma, notamos como as identidades, aqui analisadas - “A Pequena São Paulo” e “A Cidade Jardim”, sobrepõem-se uma a outra, sobretudo a partir da ideia de que elas surgem, nestes casos e talvez, tanto da intencionalidade política e das camadas sociais mais beneficiadas com tais modificações, quanto das ideologias ditas “globais”, nesse caso específico, o ideal de racionalização do espaço citadino e do advento do progresso.

Partindo desse pressuposto, entendemos que o discurso predomina, num processo de efetivação e imposição de identidades, que acabam por infiltrar algumas camadas e setores sociais, acabando por deixar registros na memória cidadina.

Até a década de 1930, o café fornecia os elementos para representação do local, mas em meados do século, a realidade era outra – seguir os modelos dos grandes centros urbanos, possivelmente, para a administração e elite local, era o que teria que ser realizado. Dessa forma, abria-se espaço e possibilidade para o surgimento e imposição de novas identidades para a cidade. O que acabou por colaborar, talvez, para a construção de uma memória local e de uma cidade em busca do progresso.

¹⁵ JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: Itinerários da Cidade Moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.) **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996, p.50.



3.1 Uma “Pequena São Paulo” no interior da Bahia

A partir do século XIX, o café ganhou grande importância nacional, projetando São Paulo como o principal centro econômico do país. A riqueza proporcionada pela exportação desse produto destacou esse Estado como o lugar mais dinâmico da economia brasileira¹⁶. Assim, o café determinava o ritmo de vida e de crescimento da cidade.

Até a consolidação do comércio do café, a Freguesia de Nossa Senhora do Bom Conselho (mais tarde, em 1891, elevada a categoria de cidade: “Amargosa”¹⁷) fora, essencialmente, agrária, característica marcante na época: com grande maioria da população morando na zona rural de onde tirava tudo que necessitava. Ficando a área urbana restrita ao local que hoje corresponde ao centro da cidade, onde foi fundada a freguesia.

Segundo o Senhor José Peixoto, 76 anos, comerciante aposentado,

Amargosa não era uma cidade. O desenvolvimento surgiu em 1840. Em 1877 passou para Vila de Nossa Senhora. Salvo engano, nesse intervalo, houve a imigração de estrangeiros aqui na região [...] e causada pela fertilidade do chão. O incentivo da lavoura do café teve um grande desenvolvimento: atraiu os europeu, aí surgiram a colônia portuguesa, inglesa, alemãs, francesas; aí vieram italianos. Amargosa foi surgida de uma hora pra outra, um apogeu de riqueza e ficou sendo o entreposto daqui para o porto fluvial de Nazaré [...]. Em 1890, o desenvolvimento foi acelerando, a estrada de ferro foi começada na década de 70. Quando chegou em Santo Antonio de Jesus o apogeu do desenvolvimento da Vila de Amargosa estava num aceleração tamanho que a estrada de ferro de Santo Antonio a Amargosa foi construída num tempo recorde, em 05 anos. A estrada chegou aqui em, salvo engano, em 1892. Amargosa já era emancipada, emancipou em 1891. Aí o comércio facilitou o escoamento dos produtos. Como a raspadura, o café e o fumo era base da economia da região, Amargosa era o centro agrícola da região, especialmente pela lavoura cafeeira que era considerado o “São Paulo baiano”.

Visualizamos assim, nas palavras do Sr. José Peixoto, o processo de “desenvolvimento” econômico do local até alcançar seu *status* de cidade. Observamos também a introdução de meios de transporte mais modernos que pretendiam viabilizar e facilitar o comércio da região¹⁸. Além disso, mais uma vez é destacado que o município de Amargosa foi, outrora, centro de uma região de economia basicamente cafeeira.

¹⁶ FOLLIS, Fransérgio. **Modernização Urbana na Belle Époque Paulista**. São Paulo: UNESP, 2004, p.32.

¹⁷ Ao especificar a cidade de Amargosa como objeto de análise o que se pretende é justamente imergir nesse debate de criação e identificação sociocultural, a partir de simbolismos e representações, bem exemplificados mesmo no nome do município: “Amargosa”, que, segundo a Revista Amargosa Centenária (1991), derivou da existência de “pombas amargas”, comuns na região que atraíam grande quantidade de caçadores.

¹⁸ “O caso de Amargosa é esclarecedor dos efeitos de modernização regional que se alcançou com o episódio ferroviário e com o incremento do comércio de exportação. O município tornou-se um centro regional,



Essa realidade econômica, assim, acabou por deixar seus reflexos na paisagem. Vindo de Maragogipe o café se espalhou, sendo, inicialmente, plantado como cultura de subsistência¹⁹. Segundo a Revista, editada em 1978, em propaganda a “1ª Exposição Agropecuária de Amargosa”:

O solo desta região era coberto quase na sua totalidade das culturas do CAFÉ e FUMO. Extraíam-se dessas lavouras produtos de excelente qualidade que daqui eram diretamente exportados para outros países, levando inclusive, na sua sacraia, o nome desta região. Afirma-se até que durante muitos anos Amargosa ficou conhecida como a Pequena São Paulo em razão do café aqui cultivado produzir a melhor bebida mole do país.

Anterior à publicação dessa revista, em seus estudos sobre a região, em 1963, Milton Santos, percebeu que o café e o fumo, ainda eram os produtos agrícolas comerciais que baseavam a economia regional:

A história econômica de Amargosa, fala de uma época de grande prosperidade e riqueza que viveu a região, quando o município obtinha elevada produtividade na lavoura cafeeira aliada à de fumo. Possivelmente, dos fins do século XIX até as primeiras décadas do século XX, apesar dos métodos rotineiros e empíricos que ainda se empregam na lavoura, o café, hoje decadente, foi o principal produto da região de Amargosa²⁰.

Além disso, para Milton Santos, Amargosa mantinha influência devido a sua posição geográfica, de “centro regional”, pois estava no percurso da Estrada de Ferro de Nazaré, que ligava Santo Antônio de Jesus e Nazaré com o Recôncavo.

Para o comércio e exportação dos produtos locais, existiam armazéns compradores instalados na cidade que possuíam filiais na França e que também compravam a produção agrícola exportável de cidades vizinhas, como Brejões, Santa Inês e São Miguel das Matas, destacando a função da Cidade como entreposto comercial e a sua elevada produtividade agrícola. Vale ressaltar que de 1930 a 1939, a quase totalidade do café produzido e exportado da região provinha de Amargosa.

A partir da Crise de 1929, a situação da economia cafeeira entrou em colapso no país e o comércio do café sofreu quebras em cadeia (redução dos preços, demanda insuficiente,

conquistando esse papel no final do século XX”. Ver: ZORZO, Antonio Francisco. Transporte e desenvolvimento urbano-regional: o caso de Amargosa e da estrada de ferro de Nazaré. In: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Coord). **Recôncavo da Bahia**. Amargosa: Ed CIAN, 2007, p. 93.

¹⁹ SANTOS, Milton. **A Região de Amargosa**. Salvador: Comissão de Planejamento Econômico, 1963.

²⁰ SANTOS, Milton. 1963, p. 7.



falências e concordatas, entre outros), advindos de uma estagnação mundial²¹. No plano local, o problema nas exportações trouxe transtornos a economia que produzia em grande escala para outros países. Segundo Sr José Peixoto,

de uma hora pra outra trancou a exportação, ninguém comprava, ninguém vendia. Houve a quebradeira [...]. Ninguém comprava, ninguém vendia. Depois ficou uma calamidade, quebrou a fama estrangeira que estava aqui [...] e Amargosa perdeu o apogeu de intercâmbio comercial pro sertão e o porto fluvial de Nazaré perdeu essa partilha²².

Por conseguinte, não podendo acompanhar o processo de desenvolvimento, ao longo do tempo, houve uma queda na produção, associada à política do produto despulpado do Instituto Brasileiro do Café – IBC, resultando na substituição da agricultura do café pela pecuária.

Se com a restrição do café e do comércio em Amargosa, a população acionou novos mecanismos que visavam viabilizar economicamente o local, possivelmente seriam inseridos novos “indícios históricos” na cidade, os quais teriam o papel de retratar um novo momento que representasse o local:

partindo do ano de 1891, quando o povoado foi elevado à categoria de cidade, até aproximadamente 1937, quando viveu o seu período de esplendor e prosperidade econômica, Amargosa teve a oportunidade de remodelar o seu quadro urbano, as marcas do seu apogeu são bem presentes, ainda hoje, embora as funções tenham se modificado²³.

Observando as alterações no local, realizadas pelas administrações municipais no período fica evidente a preocupação técnica e econômica em trazer o “progresso” para a região. Seria nesse contexto, talvez, que a cidade apareceria como o espaço pleno para efetivação de um novo momento histórico.

3.2 Amargosa, a “Cidade Jardim”

A Amargosa enriquecida e destacada por toda a região pelo comércio do café, possivelmente, também objetivou inserir-se nos modelos socioculturais e econômicos capitalistas, mesmo

²¹ Ver reportagem. REVISTA VEJA. A bola da vez? In: **O Crash da Bolsa**. Edição Especial: Brasil. Outubro de 1929. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/brasil-crise-do-cafe-exportacoes-falencias.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2011.

²² Depoimento do Senhor José Peixoto, 76 anos, comerciante aposentado.

²³ SANTOS, Milton. 1963, p.10.

após a estagnação desse comércio: “[...] já não era aquele apogeu tamanho, mas já era a riqueza que sustentava a região [...], o que era o apogeu da riqueza capitalista”²⁴.

Exemplo claro disso foi à construção do jardim na antiga Praça Dr. Manoel Vitorino, hoje, denominada Praça Lourival Monte (ver Figura 1). O antigo campo, onde se realizava, às vezes, espetáculos de tourada e de circo e servia de rancharia, foi ganhando formas. O jardim iniciado em 1932 foi concluído em 1934 e conservou a antiga função de lugar de encontro da população. Relata-se na Revista Amargosa Centenária que no jardim aos domingos havia festa, a mocidade participava de danças, embaladas pelas filarmônicas, levando o povo também a passear (ver Figura 2). E foi desse Jardim, segundo a história local, que surgiu a nova identidade: “Amargosa, Cidade Jardim”.

Figura 01 – Praça Manoel Vitorino antes da construção do Jardim Lourival Monte²⁵



Figura 02 – Jardim Lourival Monte sob a mesma perspectiva da Figura 01²⁶.



²⁴ Depoimento do Senhor José Peixoto, 76 anos, comerciante aposentado.

²⁵ Fotografia cedida pela Prefeitura Municipal de Amargosa, datada da década de 1920.

²⁶ Fotografia cedida pela Prefeitura Municipal de Amargosa, datada da década de 1930.



Assim, os processos sociais articuladores da dinâmica econômica e política, em nível de cidade, deram continuidade ou incrementaram a vida social no tocante a dimensão cultural e da cotidianidade, além de criarem as instituições e, conseqüentemente, as identidades. À medida que a ideologia dominante e os símbolos da modernização são impostos e, ao longo do tempo, assimilados, possivelmente, a população (ou parte dela) vê e sente a necessidade de “ressignificar” sua identidade, através, principalmente, daquilo que foi criado: objetos, construções, monumentos criados, para racionalização do espaço, entre outros.

Segundo Carlos²⁷, o lugar é entendido como a “identidade histórica” que vincula o ser humano ao local onde a vida se realiza.

A partir da revitalização da paisagem, seja ela a partir da construção de jardins ou da ressignificação dos antigos casarões senhoriais ou até da instalação de instituições que significam o “novo”, o “moderno” (bancos, colégios, entre outros), é que essa ordem distante, “modernizadora”, pode ter transformado o pensamento, permitindo a algumas pessoas a se reconhecerem, possivelmente, em um “lugar moderno”, fornecendo-as uma noção de pertencimento e reconstruindo uma nova identidade. Esse reconhecimento da “modernização” da cidade também alcançou o olhar dos outros municípios. A esse respeito destacamos a fala do Sr. José Peixoto, no tocante a educação, justamente numa época em que uma ínfima parcela da população tinha acesso à escola, quando diz que

na década de 40, 42, foi criado o Seminário aqui em Amargosa e surgiu o internato de estudante. Quem conseguiu trazer o Colégio das Freiras era o pai do Padre Almeida, Coronel Manoel Benedito. Com a chegada do Colégio das Freiras Amargosa tomou o centro da educação. As cidades vizinhas, muitos desses compraram casas aqui [...]. Foi um ponto chave de desenvolvimento²⁸.

Embora S. José faça uma referência à importância da atuação do Coronel Benedito Almeida para implantação do Colégio Santa Bernadete, que aconteceu em 1946, é importante salientar o falecimento deste em 1942. O ato de lembrar e esquecer e selecionar os fatos da memória se apresenta como importante meio para análise histórica. O papel fundamental do Coronel para efetivação da Instituição, indicada nesta fala, pode estar na doação²⁹ do terreno e a condição de transferência deste, exclusivamente, para construção de uma “Casa da Educação”.

²⁷ CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996, p.28.

²⁸ Trecho do Depoimento do Senhor José Peixoto, 76 anos, comerciante aposentado.

²⁹ Informação constante na Escritura de Doação Condicional do Coronel para o Bispado de Amargosa, datada em 01 de setembro de 1942 (LTD, nº 01, p 10 e 10v).



O sucesso da tentativa de efetivação do projeto de modernização, progresso e embelezamento da cidade também foi possível graças ao impacto causado pela “nova paisagem” e sua associação com o “moderno” ou com o paradisíaco. Isso nos leva a pensar sobre a dinâmica do lugar com o processo global e sobre a “identidade urbana”.

As avenidas largas, as praças imensas e os jardins extremamente bem cuidados dão-lhe ares de grande cidade, seu parque residencial é muito avançado e as residências luxuosas demonstram bom gosto [...]. Mostrar o índice de progresso e desenvolvimento do seu povo que atesta sua fé na majestade de seus templos, seu bosque no centro da cidade equilibra ecologicamente e é área de lazer³⁰.

Esse discurso tenta revelar a cidade e seu “progresso”, destacando elementos característicos da modernidade. A preocupação com a imagem da cidade dá-se no sentido de aparência física da cidade, sobretudo do seu centro, como podemos observar na passagem acima.

Segundo Milton Santos³¹, a paisagem é a materialização de um instante da sociedade. Sendo assim, o momento a ser estudado refere-se a um período quando o poder político municipal desenvolveu uma política de revitalização da cidade.

Observa-se, assim, como a política local apoderou e apodera-se da dimensão simbólica do lugar para expressar o mundo moderno. A revitalização da paisagem tinha como intenção a legitimação de um “novo momento” que indicava o progresso, o desenvolvimento, resultado da vontade política. Busca-se, também, perceber o uso da imagem da cidade requalificada como elemento de um projeto político e econômico, simultaneamente. Na verdade, todos esses objetivos perpassam pela ideia de embelezamento da paisagem urbana, pela população mais beneficiada com ela: “o poder costuma se configurar, nos lugares e na arquitetura que compõem o cenário da cidade”³².

Essa intencionalidade política fica em destaque quando analisamos a imagem que as gestões administrativas e políticas querem apresentar e impor, principalmente quando observamos Revistas de Governo ou de propagandas de eventos locais, como no caso da apresentação da Revista da 1ª Exposição Agropecuária de Amargosa:

Seu nome é Amargosa e com absoluta propriedade foi lhe conferido o título de “CIDADE JARDIM”.

³⁰ REVISTA AMARGOSA CIDADE JARDIM, 1ª Exposição Agropecuária de Amargosa, 1978.

³¹ SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

³² ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A Catedral da Boa Viagem de Belo Horizonte: fé, modernidade e tradição. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.) **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996, p.239.



[...] Aqui o verde impera, não só nas matas conservadas como nos campos cultivados, nas pastagens ondulantes como nos belíssimos jardins e praças caprichosamente traçados que com suas flores e plantas ornamentais são motivo de encantamento de seus moradores e de agradável surpresa para o visitante.

[...] As ruas arborizadas e pavimentadas ensejam caminhadas que nos levam a conhecer o jardim e praça Lourival Monte considerados dos mais belos do interior do estado³³.

Nessa apresentação, mais uma vez notamos a tentativa de contextualizar a cidade nos moldes ditos modernos quando fala em suas ruas pavimentadas e arborizadas. Mas o que é mais interessante nesta é a tentativa de imposição de um novo argumento para a identidade já formada: recorre-se, portanto, a explicação das especificidades da cidade como um lugar onde a natureza demonstra sua grandiosidade.

A ideia de preocupação com a preservação da natureza imbricada nesse discurso político demonstra o papel da propaganda ideológica que permeia o local. Assim, ainda preserva-se a imagem de “Cidade Jardim”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os amargosenses vivenciaram assim, um processo de (re)posicionamento socioeconômico e político regional, conforme sua realidade em cada momento histórico. Suas práticas foram desenvolvidas a partir desta relação cotidiana.

A superação dos obstáculos históricos pode ser observada por diversas fontes (escritas, orais, iconográficas) que revelam as práticas e as representações dos agentes sociais caracterizadas por um forte potencial instituidor de novas práticas e novas representações.

Vemos, ao longo do tempo, a criação de uma nova condição urbana, que não é homogênea, mas plural. Pois, não constitui uma unidade funcional, mas campos de força marcados pela alteridade, pelo conflito de interesses e representações socioculturais e políticas.

A análise dessa suposta tentativa de modernização da cidade refere-se, possivelmente, a ideia de constituição de uma cidade moderna, marcada pelo embelezamento e racionalização do espaço. Dessa forma, em busca de nosso objetivo central, de analisar a (re)criação de identidades, continuamos nosso trabalho de investigação procurando compreender como os principais pressupostos foram apropriados e utilizados no cenário urbano pelo Poder Público Municipal de forma a justificar e retratar sua marca na região.

³³ REVISTA AMARGOSA CIDADE JARDIM. 1ª Exposição Agropecuária de Amargosa. Amargosa, 1978.



No que diz respeito a este objeto de estudo, pode se pensar nessas representações identitárias como um circuito de trocas simbólicas e práticas, processo no qual as partes se transformam, constroem e reconstroem seus valores, imagens e práticas sociais.

Admitimos assim, para continuidade desta pesquisa, um conceito de identidade não estático, a adoção de comportamentos tradicionais e não tradicionais pode ser vista como uma maneira a partir dos quais identidades são construídas.

A memória vem se apresentando como elemento importante para este estudo e muitas vezes se constitui num ato de lembrar e esquecer, numa tentativa de selecionar aquilo que é importante lembrar. Aliada a uma perspectiva histórica, muito contribui para análise de uma história local, repleta de significados e que aguarda por mais estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. A Catedral da Boa Viagem de Belo Horizonte: fé, modernidade e tradição. In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.) **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. São Paulo: EDUSC, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. artes de fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DURAND, Gilbert. **O Imaginário: ensaio a cerca das ciências sociais e da filosofia da imagem**. Trad. Renée Eve Levié. 2 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

FOLLIS, Fransérgio. **Modernização Urbana na Belle Époque Paulista**. São Paulo: UNESP, 2004.

FRANÇOIS, Etienne. “A fecundidade da História Oral” In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 3-13.

HALBWACHS, M. “A invenção das tradições” In: HOBBSAWN, E. e RANGER, E, (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do século XIX. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia Maria; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 31-45.



JULIÃO, Letícia. Belo Horizonte: Itinerários da Cidade Moderna (1891-1920). In: DUTRA, Eliana de Freitas (Org.) **BH: horizontes históricos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1996.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEPETIT, Bernard. **Por uma história urbana**. São Paulo: EDUSP, 2001

MALUF, Marina. **Ruídos da Memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.

NETO, Raul Lomanto. A “Região de Amargosa”: olhares contemporâneos. In: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Coord). **Recôncavo da Bahia**. Amargosa: Ed CIAN, 2007, p. 156-7.

REVISTA AMARGOSA CENTENÁRIA: 1891 -1991. Amargosa, 1991.

REVISTA AMARGOSA CIDADE JARDIM. 1ª **Exposição Agropecuária de Amargosa**. Amargosa, 1978.

REVISTA VEJA. A bola da vez? In: **O Crash da Bolsa**. Edição Especial: Brasil. Outubro de 1929. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/historia/crash-bolsa-nova-york/brasil-crise-do-cafe-exportacoes-falencias.shtml>>. Acesso em: 21 dez. 2011

SANTOS, Antonio Carlos de Almeida. Curitiba: depoimentos da transformação urbana. In: SOLLER, Maria Angélica & MATOS, Maria Izilda S. (Orgs.). **A cidade em debate**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2000.

SANTOS, Milton. **A Região de Amargosa**. Salvador: Comissão de Planejamento Econômico, 1963.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **A cultura na esteira do tempo**. São Paulo: Perspectiva, Jul 2001, vol.15, n.3, p. 102-112.

ZORZO, Antonio Francisco. Transporte e desenvolvimento urbano-regional: o caso de Amargosa e da estrada de ferro de Nazaré. In: GODINHO, Luis Flávio R.; SANTOS, Fábio Josué S. (Coord). **Recôncavo da Bahia**. Amargosa: Ed CIAN, 2007.